

ACREDITAR NO PEQUENO

Ildo Perondi

“Eis o que observo: o que melhor convém ao homem é comer e beber, encontrando a felicidade em todo trabalho que faz debaixo do sol, durante os dias da vida que Deus lhe concede. Pois esta é sua porção. Todo homem a quem Deus concede riquezas e recursos que o tornam capaz de sustentar-se, de receber a sua porção e desfrutar do seu trabalho, isso é um dom de Deus. Ele não se lembrará muito dos dias que viveu, pois Deus ocupa seu coração de alegria”

Introdução

O texto acima faz parte do Eclesiastes (5,17-19)¹, também chamado Coélet, livro da Bíblia que foi escrito dentro de um contexto muito difícil da história do povo de Deus.

O nome Coélet vem de *qahal*²: assembléia, comunidade. Não é um nome próprio e sim um substantivo comum e designa aquele que fala na comunidade, na assembléia. Talvez o melhor termo para a tradução seria: *o Pregador*³, mas podemos interpretar também como *o Orador, o Mestre* e de outro lado designa o representante da assembléia, o público personificado. Pode-se pensar também que seja uma pessoa que reuniu a cultura e a experiência do povo para dar-lhe uma forma sistematizada e orgânica. Ou seja, alguém que se esforçou para fazer aquilo que era o ideal do sábio de Israel: reunir, articular e dar forma à sabedoria do povo. É o sábio (*hakam*) que ensina ao povo a ciência e como colocar em discussão as situações cotidianas da vida e ver a realidade de forma crítica.

O autor se diz “*filho de Davi e rei de Jerusalém*” (1,1.12). Portanto, ele se identifica como Salomão, mas não passa de mera ficção literária, para colocar suas reflexões sob o patrocínio do mais ilustre dos sábios de Israel. Esta é uma prática comum na literatura sapiencial. Ou seja, naquele tempo para um escrito ter mais aceitação era comum atribuí-lo a um personagem famoso. Porém, por trás disso podia também haver uma outra intenção: fazer uma crítica ao tipo de vida da época do rei Salomão, quando houve

1. A citação é da Bíblia de Jerusalém. As citações bíblicas seguintes que não tiverem o nome do livro são do Eclesiastes.

2. Em grego *ekklesia*, de onde vem o nome *Ekklesiastes*, e em português Eclesiastes.

3. Lutero entendeu assim, tanto que traduziu com o termo “*Prediger*”, seguindo S. Jerônimo que traduziu por “*concionator*”. E Lutero também entendeu a sua mensagem de forma positiva, afirmando que “*Coélet que nós chamamos Pregador é um livro de consolação*”. Cf. Bonora, A. – Prioto M. e Collaboratori. *Libri Sapienziali e altri scritti*. p. 83.

abundância para a classe governante à custa do trabalho e da miséria do povo. A situação era de certa forma parecida com aquela do tempo em que o autor está escrevendo.

1. Contexto e ambiente

A partir de 332 aC com as conquistas de Alexandre Magno, formou-se um dos maiores impérios no Oriente Médio. Porém, depois da morte de Alexandre, o império foi dividido entre seus generais. A partir do século III aC, a Palestina era governada pelos Ptolomeus, que tinham a sua sede no Egito, formando uma dinastia que substituiu a dos antigos faraós.

A concepção teológica era que os faraós eram encarnações do deus Amon Rá. Tudo estava concentrado nas mãos do rei, e era legitimado pela filosofia grega. O rei governava como se fosse dono de todo o país e o povo fosse também propriedade sua.

O rei tinha um forte ministro das finanças, com ecônomos nas várias regiões que controlavam o recolhimento rigoroso dos impostos. E assim o sistema funcionava de modo a canalizar todo o dinheiro para a capital, Alexandria. Com isso o Egito se tornava rico à custa do trabalho do povo. A agricultura foi desenvolvida e modernizada com a introdução de irrigações e outras tecnologias da época, e assim produzia-se muito vinho e óleo, porém os camponeses continuavam pobres. E mesmo estes bons produtos acabavam indo para os estrangeiros.

Israel continuava governado pelo sumo sacerdote, cujo cargo passava de pai para filho. E a família dos Tobíadas tinha forte poder, tanto no governo como no comércio. Havia também um forte sistema que denunciava qualquer tentativa de revolta ou oposição ao governo⁴.

O que fazer então? Esta não era uma tarefa fácil, uma vez que nem se podia falar e escrever abertamente aquilo que se pensava. Existia sempre um espião ou alguém que pode denunciar e delatar aos “superiores”. Por isso, o autor usa de toda a sua sabedoria acumulada. É possível escrever coisas que só alguns entendem; as palavras escritas dizem algo, porém os olhos que vão ler devem entender o seu verdadeiro sentido.

Muitas vezes pode ser fácil dar conselhos, orientar os outros e até falar de Deus quando tudo vai bem e o ambiente que nos cerca é favorável. Difícil é fazer isso em tempos de crise e de opressão. O autor deste livro da Bíblia vive este momento dramático: os tempos são difíceis! Vive-se um tempo duro na Terra Prometida. E não se pode “entregar os pontos”, nem cair na alienação e andar de acordo com o projeto dos opressores e dominadores. Apesar do pessimismo que sente à sua volta, ele vê que é preciso alimentar o sonho e a esperança.

É certo que não era um período de guerras ou perseguições sistemáticas (o livro não menciona nenhum destes casos), porém é um tempo de incertezas sobre o momento presente e sobretudo diante do futuro.

4. Cf. I. Storniollo – E. M. Balancin. *Como Ler o Livro do Eclesiastes*, p. 7-12.

2. O desejo de ser feliz

A busca da felicidade era uma aspiração antiga. Quem não queria ser feliz? Afinal, foi para isso que viemos ao mundo: para sermos felizes. Já o Gênesis nos conta que Deus nos colocou no jardim do Éden. O jardim é o lugar da beleza, das plantas, das flores, do perfume... O lugar belo por excelência. Israel experimentou a alegria de estar vivendo no jardim, no paraíso terrestre. A Terra Prometida devia ser o lugar da felicidade, o jardim, o *gad éden*. Porém, Israel não foi fiel a seu Deus. Afastou-se do seu Deus, abandonou seu projeto e acabou sendo exilado para uma terra estranha. Israel foi expulso da Terra Prometida da mesma forma que Adão foi expulso do Jardim. Mesmo depois da volta do exílio, o povo de Deus não conseguiu nunca mais viver um tempo de harmonia, de paz, de uma certa igualdade como foi a experiência no tempo do sistema tribal...

Na época em que o autor escreve, a felicidade era reservada a uns poucos. Para a maioria do povo, a felicidade nem existia. Alguns ainda sonhavam e esperavam por ela. Outros, já nem acreditavam mais. Existia até uma sensação de vazio profético e se dizia que os céus tinham se fechado. Até Deus parecia distante.

Mas, e aqueles que diziam viver na felicidade, estavam certos? Aquela pequena elite que se beneficiava da opressão do povo, podia ser feliz? Não! É a resposta categórica do autor. A felicidade não pode ser para uns poucos. A felicidade não pode ser individual. Ninguém pode ser feliz de verdade se seu irmão ao lado vive chorando, sofrendo e sendo explorado. Felicidade à custa da exploração não é verdadeira, não tem sabor, não é dom de Deus!

No entanto, olhando para toda a multidão que trabalhava, pagava impostos, era explorada e ainda por cima não era feliz, o autor ousou sonhar: ainda é possível ter a felicidade. De duas maneiras: uma sonhando longe, confiando em Deus e vivendo no seu temor, acreditando que um dia virá este bendito tempo em que se acabarão todas estas explorações. Mas enquanto este tempo não chega, é inútil ficar chorando e trabalhando como loucos, sem buscar a felicidade. A outra maneira indicada pelo autor é que é preciso buscar a felicidade nas pequenas coisas da vida, já que as grandes não estão ao nosso alcance no momento. Pois aqui vem uma resposta interessante: nas pequenas coisas existe algo escondido! Na relação com os outros; no trabalho diário; no beber com os amigos; no perfume que se respira...

3. Tudo é inútil, passageiro, vaidade!

Nem tudo o que está escrito no Livro do Eclesiastes deve ser entendido ao “pé da letra” como se diz hoje. Até porque o autor, relativizando certas verdades tidas como absolutas (cf. 8,17), escreve com uma certa dose de bom humor, para poder fazer sua crítica. Mas isso só um bom entendedor é capaz de descobrir. Ou seja, entender o sentido que o autor quer dar a certas expressões. Vamos ver alguns casos bem concretos:

a) O autor diz que é Salomão, rei de Israel (1,1). Ora, Salomão está morto há muito tempo, estamos há cerca de 700 anos depois da época em que ele governou.

b) Enfim, a vida parece mesmo não ter sentido. O autor considera tudo como algo inútil, passageiro, vaidades. O termo hebraico é *hevel*: sopro, vento ligeiro, névoa, hálito... Isso sugere a idéia de inconsistência, vazio, inutilidade... Significa que tudo acaba, tudo é transitório, enigmático, misterioso. Ou até que tudo é inútil e, utilizando uma categoria moderna, podemos dizer que “*tudo é sem sentido*”. Então Coélet reflete sobre a sua experiência para exercitar a própria sabedoria, entrando em choque com aquele dado que parece ser o ponto central da sua descoberta de sábio, que é “nada serve a nada”, tudo é nada, tudo “*é correr atrás do vento*” (1,11.17). Até o trabalho, que parece ser o tema principal, várias vezes lembrado (1,3; 2,11.18; 3,9; 4,4...) é tido como uma vaidade. Para que trabalhar tanto?

c) Mas é todo um conjunto de coisas que entra neste “sem sentido”: o cotidiano da vida (1,3ss); as novidades (1,9-11); a sabedoria e o conhecimento (1,16-18; 2,12-14); a alegria e a felicidade (2,1); o vinho (2,3); as obras magníficas (2,4); ter servos e rebanhos (2,7); possuir riquezas, prata e ouro (2,8; 5,12ss); mulheres (2,8); a vida mesmo e os prazeres da noite (2,17.23); mesmo a sorte dos opressores (4,2); a competição (4,4); ou o egoísmo de viver sozinho (4,8.12); o poder (5,7); melhor era nem ter nascido (4,3); até a religião pode ser perigosa (4,17–5,1-6); e o rico saciado nem consegue adormecer (5,11b); sofrimento cruel ainda é ter recebido tanto, se quem desfruta de tudo são os estrangeiros (6,2)... Enfim, tudo aquilo que o sistema apregoa como o melhor da vida, não passa de futilidade, deste “sem sentido” que desaparece com o primeiro vento que sopra.

Aparentemente se trata de uma loucura, de ir contra a maré, contra tudo aquilo que se pensa e se busca nesta vida. E então vem o nosso autor e joga tudo isso fora! Portanto, é preciso entender que tudo isso, de fato não tem sentido, quando é somente para uns poucos. De que adianta ser o rei mais sábio que Israel já conheceu? Para que serve viver com tudo o que se imagina, se ao lado nosso sobrevivem tantos sem quase nada? Que prazer ter tanto se no fundo é às custas da miséria e do trabalho dos outros? É só olhar “e aí estão as lágrimas dos oprimidos, e não há quem os console; a força do lado dos opressores, e não há quem os console” (4,1). De que pode alguém se vangloriar se vive melhor que os outros, mas a vida acaba sendo passageira, e logo o destino o colocará junto com aqueles dos quais ele explorou? Se logo todos morrerão e todos terão o mesmo destino (3,18)?

4. Mas tudo isso pode ter valor!

Quando lemos o texto, chegamos a um instante em que quase nos decepcionamos. Dá vontade de abandonar a leitura e não concordar com o autor, tal é seu pessimismo. Por causa dos questionamentos sobre o sentido da vida, o Eclesiastes juntamente com o livro Jó, é um livro que questiona mesmo a própria fé e a religião em Israel. Por isso freqüentemente Coélet é taxado de pessimista e cético⁵.

5. R. E. Murphy, M. A. Klopfestein, R. H. Pfeiffer...

Mas ao mesmo, nas entrelinhas, começamos a ver que tudo isso que ele diz é uma mensagem indireta àqueles que governam, possuem bens e que pensam ter a felicidade... E é como se o autor que sempre manteve os olhos fixos em direção aos que “estão por cima”, vez por outra volta-se e muda de direção. Em vez de olhar para o centro do poder volta o olhar para a periferia e contempla! Pensa também, e de maneira diferente, naqueles que “estão por baixo”. E por isso, muitos estudiosos viram em Coélet o “pregador da alegria e da felicidade”⁶. Parece que assim foi entendido pela tradição judaica, que lê este livro durante a Festa das Tendões, justamente uma festa de outono muito animada e cheia de alegria (cf. Dt 16,14-15).

É no olhar para os pobres, no olhar para os pequenos, para onde a vida teima em viver, que ele nos revela o verdadeiro sentido da sua mensagem. Aqui há esperança! E como se recomeçasse a construir a partir dos escombros que acabou de destruir, fala também de coisas pequenas e bonitas.

É importante sentir prazer e bem-estar durante a vida (3,12). O comer e o beber podem ser uma felicidade enorme (2,24; 3,13). Alegrar-se com as obras e com o trabalho que se faz, também tem um valor muito grande (3,22). Existe o valor da união e da solidariedade, pois “dois podem se ajudar e uma corda tripla não se rompe facilmente” (4,10-12).

Mas a felicidade e o sentido da vida também podem buscados em outras coisas simples. Quem também não gosta de poder usar uma roupa bonita e um até um bom perfume (9,8)? A partilha e a comunhão são importantes (11,1-2). Devemos saber usufruir dos dons de Deus. Aquilo que o ser humano faz é importante, mas sempre entendendo como uma dádiva de Deus (2,24-25; 3,13; 5,17-18; 8,15; 9,7-9). Interessante como o verbo “dar, conceder” aparece onze vezes no livro: Deus dá a vida (5,17; 8,15; 9,9; 12,7); doa a sabedoria e o conhecimento e alegria (2,26); riqueza e poder (5,18; 6,2); dá a eternidade aos homens e mulheres (3,11); dá aos homens a ocupação (1,13; 3,10); dá ao pecador a missão de recolher e acumular (2,26); Deus doa; é Ele que “fez tudo” (3,11.14; 7,14.29; 11,5)⁷.

Mas existe também uma alegria que vem de Deus, de quem vive no seu amor e no seu temor. Portanto, viver segundo o temor de Deus (3,14; 5,6; 7,18; 8,12-3 [3 vezes]; 12,13)⁸ é o princípio de toda a Sabedoria de Israel, e somente vivendo nesta relação com Deus é possível ter um apoio seguro. Veja-se também no Deuteronômio (8,6-20). Colocando o sentido da vida e mantendo o respeito em Deus, que é o Criador e o sustentador da vida, se reconhece que só Ele é absoluto e que os sistemas políticos passam.

6. Por exemplo: R. N. Whybray, N. Lohfink, R. Gordis, R. K. Johnston, A. Bonora, I. Storniollo, E. Balancin ...

7. Cf. Bonora, A. – Prioto M. e Collaboratori. *Libri Sapienziali e altri scritti*. p. 81.

8. A raiz *yare* aparece sete vezes no livro. E não pode ser entendida como “medo”, mas de forma positiva.

5. A “Porção”

Vendo que é inútil confiar nos grandes e que a macroestrutura do sistema é forte, mas sem olhos voltados para os pobres e pequenos, o autor aposta naquilo que lhe resta: acredita na porção. Valoriza as pequenas coisas, é aquele “cadinho” ao qual muitos não dão valor, mas que é daí que podem nascer as grandes transformações.

A idéia não é nova. Ela vem antes de tudo de uma escolha já feita por Deus. Foi Deus que escolheu um pequeno povo no passado e com ele fez história (cf. Dt 7,6-8). Este povo que foi encontrado num deserto solitário e foi tratado com carinho materno (cf. Dt 32,10-11; Os 11,3-4). Os profetas também apostaram nesta idéia. Num dos textos belos da Bíblia (1Rs 18,41-46), Elias sobe ao monte e ora pedindo o fim da seca. A solução começa quando surge uma nuvem tão pequena que cabe na palma da mão. Assim como Elias, os Profetas vendo a corrupção do sistema e a pouca fidelidade dos reis, passaram a apostar num “resto” (cf. Is 4,3; 10,20; Am 3,12; 5,15; Sf 2,7-9, etc); é Deus que continua apostando num germe que brota de um tronco (Is 11,1-16).

Apostar nas coisas pequenas parece absurdo, mas só quem é capaz disso é que poderá sonhar com as grandes transformações. Ademais, nunca é demais recordar que todos os grandes rios do mundo nascem de uma fonte! E a árvore enorme que contemplamos também nasceu de uma pequena semente. A proposta de Jesus também foi esta: acreditar num grupo pequeno, naquela pequena comunidade de discípulos oriundos de uma região desprezada, como a Galiléia. Por isso, ao ver que os pequenos acolham a Boa Nova do reino, Jesus louvou a Deus Pai exultou de alegria (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21-22). De fato, o Reino foi dado a um pequeno rebanho, conforme era do agrado do Pai (cf. Lc 12,32)⁹.

O autor parece acreditar, portanto, nesta pequena “porção”. O termo hebraico é *heleq*, e que aparece cinco vezes no livro do Eclesiastes (2,10; 3,22; 5,17.18; 9,9) e uma vez em forma negativa (2,21). Além de estar subentendido em outras passagens (2,24; 3,13; 6,3.6.7; 8,15).

Portanto, seguir na fidelidade a Deus que fez história com o povo, vivendo no seu temor, é usufruir dos dons que vêm da sua graça e misericórdia. Aquilo que o ser humano faz é importante, porém deve sempre ser entendido como uma dádiva de Deus (2,24-25; 3,13; 5,17-18; 8,15; 9,7-9). Confiar em Deus não significa que devemos esperar tudo dele. Temos que fazer a nossa parte, por menor que seja, pois é Deus que governa este mundo, porque “Deus está no céu e tu na terra” (cf. 5,2)¹⁰.

6. Nossas “porções”

A reflexão sobre este texto do Eclesiastes nos leva sempre à pergunta: “E nós o que devemos fazer hoje?” (cf. Lc 3,10-15) A realidade nossa é diferente, porém não

9. Ainda que o Eclesiastes não seja nunca citado formalmente no NT, é fácil percebermos o influxo das suas idéias em muitas passagens usadas pelos evangelistas (ex. Mt 5,45; 6,34; Lc 10,41-42).

10. Uma constatação interessante é que no livro nunca é citado YHWH, mas sempre Elohim (40 vezes). Também nunca é citada a Lei, a Torá ou a Aliança. Pode-se supor que o autor pensa mais modesto, como era entendido pelo povo.

deixa de ter certas semelhanças. Vivemos dentro sistema globalizado, com suas estruturas perversas: FMI, BM, ALCA, etc. Além do mais eles têm as multinacionais, que são os seus “ramos” internos que ajudam a aplicação das suas políticas. Vivemos sob a dominação do império USA, com suas políticas econômicas que arrancam os recursos dos países pobres e dominados. Este mesmo império, em pleno século XXI, continua fazendo guerras, matando e massacrando povos. Dizem que vão levar a democracia (sic!), mas levam a morte, a tortura, a violência, a fome, o mal em todos os sentidos¹¹.

Diante do poderio das grandes potências que dominam – e que além de tudo manipulam os meios de comunicação, difundindo suas idéias e suas façanhas próprio para nos deixar imobilizados – tantas vezes nos perguntamos: existe alguma saída? Vale a pena ainda lutar, resistir, fazer alguma coisa? Antes que caiamos na ilusão dos dominadores de que tudo mesmo é “ vaidade”, como essa névoa de inverno que vai e que vem, é preciso ir ao próprio livro que nos recorda que há um tempo para tudo debaixo desta terra (3,1-8). Se parece que é o tempo da dominação, podemos dizer que haverá um tempo dos pequenos. Se eles querem nos dizer que o tempo é de desesperança, nós devemos crer que o tempo da esperança virá!

O povo da Bíblia nos ensina constantemente que quando a visão do presente e sobretudo do futuro parece incerta, o melhor é olhar para trás, para o passado e aí colher as lições. Ver como Deus já atuou na história (Sl 77; 78; Js 24,1-13; etc.). Recordar como o povo soube se defender e buscar alternativas no passado. Nos momentos críticos, Israel soube olhar para o passado, recordou como foi que Deus agiu e então encontrou as forças para continuar sua caminhada.

Podemos lembrar também como agimos nos tempos duros da ditadura militar, onde se vivia sob a censura e repressão, onde nada parecia que se podia fazer. Grupos pequenos, praticamente insignificantes aos olhos do sistema, começaram a se organizar, sonhar, estudar, reunir-se às escondidas... Pequenas reuniões nas casas, nas periferias, no fundo das Igrejas, escondidos, disfarçados... Aí foi o berço de onde nasceu o movimento que derrotou a ditadura, organizou o povo, construiu a democracia! O retorno aos pequenos grupos é tarefa fundamental para os nossos dias. É no pequeno grupo (que cabe na palma da mão) que se fortalece a solidariedade, que se nutre a esperança, que se aquece o sonho na noite escura!

De outra parte, cada vez mais me convenço que devemos fazer as pessoas acreditarem em si, de que são capazes, de que podem fazer alguma coisa de bom e de útil. É preciso melhorar e resgatar a auto-estima das pessoas. É justamente o contrário que o sistema diz: eles dizem que têm a melhor tecnologia, que só eles sabem fazer bem as coisas; que só os produtos deles são bons; que suas armas são poderosas. Tudo isso para nos “quebrar” por dentro, para minar a nossa resistência e a nossa capacidade de reagir.

11. Uma das fotos mais chocantes de toda esta guerra cruel no Iraque, foi aquela de um pai de família saindo da casa que foi bombardeada pelos USA durante uma festa de casamento, no dia 19 de maio de 2004, e onde morreram dezenas de pessoas. Ele carregava pedaços do filho nos braços e perguntava: “É esta a democracia e a liberdade que eles vieram nos trazer?”

Mas existem sinais! Basta sair e procurar que logo encontramos as “porções” que podem nos trazer esperança. Cito como exemplo, o MST (que em janeiro de 2004 completou 20 anos!) aposta que cada pessoa tem potencial para exercer liderança e fazer alguma coisa de bom. Quando se inicia um acampamento a organização é descentralizada, todos têm que aprender a exercer a liderança. É fazendo que se aprende. Muitos dizem: “eu não sei fazer nada, não sei tomar decisões, não sei falar” (parecem iguais a Moisés diante da missão de libertar o povo, em Ex 4,1.10-17). Aos poucos e no exercício e na crítica construtiva, as pessoas vão assumindo, aprendendo. Tanto isso é bonito que hoje o MST é a maior escola de líderes comunitários e populares no Brasil. Sem grandes recursos, mas com um eficiente trabalho na base.

Visitei há poucos dias um acampamento e no meio de famílias pobres e sem quase nada, minha alegria foi encontrar a esperança e a beleza. Hoje se insiste muito para que nos acampamentos as pessoas procurem criar o belo, cultivar os valores, resgatar a história, valorizar a cultura... E assim é muito bonito quando se vai a algumas ocupações e ali ver um barraquinho bem feito, com um jardim na frente. E quem não se encanta vendo uma “Ciranda” dos Sem-Terrinha, que estudam, brincam, cantam e nos mostram os olhinhos brilhando em sonhos!?

Porções pequenas, mas de muita importância, encontraremos em cada união de moradores que lutam para conquistar um benefício para o bairro ou nas manifestações populares contra os corruptos e aqueles que roubam o bem público. O povo nas ruas é, sem dúvida, o melhor sinal de que ainda existe esperança. E, para encher nosso coração de esperança, a virada de milênio trouxe um fenômeno novo: em todo o mundo multidões saíram às ruas para protestar e tentar impedir a guerra! Os governos que apoiaram a guerra um a um estão caindo. Mesmo derrotado inicialmente, o Movimento pela Paz é algo profético, novo, e que vai crescer e, espero, criar as bases para um mundo novo que tanto sonhamos!

7. Apostar nos pequenos

Daí que a dignidade dos pobres e dos pequenos começa pela valorização daquilo que eles sabem e podem fazer. Devemos incentivar o povo para a criatividade. Que o povo aprenda a fazer as coisas bonitas, mesmo em meio ao sofrimento da vida. Que o povo tenha a coragem de cantar seus cantos e músicas nativas, preservando a sua cultura. Que o povo não perca as tradições de como fazer uma comida, como cuidar da saúde de forma natural... Um bom exemplo disso é todo o trabalho feito pela Pastoral da Criança. Usando técnicas simples e tradicionais, quantas vidas de crianças esta Pastoral conseguiu salvar!?

De outro lado, o retorno dos pequenos grupos é fundamental. Os círculos bíblicos devem retornar e se multiplicarem. Porém, devem ser grupos de pessoas livres que queiram de fato ler a Bíblia numa ótica popular e de resistência e diria até de sobrevivência! Porque a Palavra de Deus é ainda a “fonte pura” onde podemos nos abastecer para a caminhada.

É certo que vivemos num período difícil. Mas isso não é novidade, já estamos acostumados e não é hoje que temos grandes inimigos. Os grandes impérios sempre quiseram enganar o povo. Uma forma de alienar foi seguramente o dar o “pão e o circo”. Porém, este é um pão da injustiça, porque no fundo se paga tão caro! Trabalhar tanto e ganhar pouco, porque o resultado do trabalho vai para os outros. Trabalhamos tanto neste Brasil querido e o resultado vai para pagar os juros desta dívida externa injusta e cruel. Para compensar nos dão umas migalhas. Um pedaço de pão amargo!¹² E depois nos dão a alienação via televisão! O circo vem “de graça”. Porém, já pagamos caro por ele! É esta alienação que é uma “ vaidade ” e que não nos interessa.

Mas adianta chorar e reclamar? Sim e não! Reclamar, xingar, rebelar-se, resistir... É nossa forma de dizer que não aceitamos o projeto imposto. Mas só de amargura não se vive. Corrói as mentes e também o fígado com úlceras e gastrites. Portanto, o pobre também busca sua alegria no comer e beber e no alegrar-se. Nada mais bonito que o churrasquinho com os amigos, o cafezinho ou o chimarrão com os vizinhos. Faz bem também quando se reúne a família e vêem os parentes de longe. Que saudade! E quando se come e se bebe, também se recorda o passado, se vive o presente e sonha com o futuro. Como é bela a festa, a dança, a brincadeira, a felicidade que se encontra no pouco que está ao alcance das nossas mãos e de acordo com as nossas possibilidades. O sorriso largo de quem conta a última piada. Em tempos de crises as vítimas da piadas são muitas vezes os poderosos, aqueles que são os culpados do mal que vemos no mundo!

É certo que restam questões em aberto: como reagir diante da onda de violência que atinge a nossa sociedade? Como evitar a escalada do consumo de drogas sobretudo entre os jovens? Como se livrar das depressões, doenças do stress moderno ou o vício e dependência da Internet? Enfim, como reagir e superar as cruces modernas, o sofrimento que atinge hoje na carne o povo pobre e o vazio existencial entre o povo que está em situação financeira melhor?

Tarefa necessária, mas tantas vezes inglória é repensar o mundo do trabalho. Neste mundo que surgiu com o trabalho de Deus (Gn 1,1-4a). Deus trabalhou; Deus contemplou a obra; Deus descansou, porém o mesmo nem sempre acontece com o ser humano criado à sua imagem e semelhança! No entanto, o que mais mata a vida hoje não é o trabalho e sim a falta dele. Em todo o mundo, hoje encontramos o drama do desemprego que existe por culpa do sistema capitalista neoliberal globalizado, informatizado, que nunca pensou nas vítimas, mas somente no lucro, na acumulação! É preciso reinventar o trabalho ou teremos sempre este exército de pessoas desesperadas por não encontrarem onde ganhar o pão de cada dia!¹³ Este sistema maldito que nega até mesmo a pequena “porção” que o autor de Eclesiastes celebra como a pérola em meio a este mundo injus-

12. A crítica aqui é contra o modelo neoliberal globalizado. Em nosso país, no entanto, devemos elogiar todo o esforço do Programa “Fome Zero”, Mutirão contra Fome e outras iniciativas que tentam superar o flagelo da fome.

13. A Revista “Estudos Bíblicos” já dedicou dois números importantes sobre isso. Veja-se o n° 11 (Trabalhador e trabalho) e o n° 60 (Desemprego).

to! E se não podemos resolver o problema do desemprego, pelo menos devemos pensar o que fazer com a massa de pessoas desempregadas que nos rodeiam.

Buscar o pouco, a porção é uma saída! Porém, como nos ensinam os movimentos sociais, devemos “pensar globalmente e agir localmente”. Do contrário, a gota também se perde na imensidão do oceano.

De outro lado, devemos pensar sempre que somos muitos os que queremos e sonhamos um mundo diferente e mais bonito. Porém, tantas vezes, estamos isolados, sozinhos. O autor de *Eclesiastes* nos lembra que sozinhos somos fracos. A corda tripla não se arrebenta facilmente (Ecl 4,12). Daí surge a necessidade de estarmos em contato, de manter a solidariedade. Só assim seremos o que nos lembrou D. Pedro Casaldáliga: “esperançados e esperançadores”. Assim podemos ser mais fortes, seja diante dos nossos adversários, seja diante do desânimo que tantas vezes nos visita. Talvez seja importante recordar D. Hélder Câmara que insistia nesta necessidade de solidariedade e estreitamento de contatos entre aquelas pessoas de boa vontade que existem em todo o mundo, a quem ele chamava de “minorias abraâmicas”. Somos todos um pouco Abraões e Saras, em busca de nossas terras prometidas e tanto esperadas. Sonhando grande e ao mesmo valorizando o pequeno, o belo, a nossa minúscula e tão carinhosa porção!

Ildo Perondi

ildo@sercomtel.com.br

Caixa Postal 8022

86010-990 – Londrina – PR

Telefone 043-33422695 ou 042-99669247

Bibliografia

ANDERSON A. F. – GORGULHO, G. *Os Sábios na luta do Povo*. São Paulo ²1991.

BALANCIN, E. – STORNILO, I. *Como Ler o Livro do Eclesiastes*. Trabalho e felicidade. São Paulo: Paulus ³1997.

BONORA, A. – PRIOTO M. e Collaboratori. *Libri Sapienziali e altri scritti*. Logos 4. Torino: Editrice Elle Di Ci 1997.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. Série Tua Palavra é Vida, 4. São Paulo: Loyola 1993.

COSTACURTA, B. *Corso di Scritti Sapienziali e Salmi*. Appunti a cura di Armando Palmeri. Roma 1997-1998.

STORNILO, I. *Como Ler o Livro dos Provérbios*. A sabedoria do povo . São Paulo: Paulus 1992.